RBCE
Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Artigos Originais

Driblando obstáculos: fatores associados a profissionalização da carreira de atletas de rendimento no futsal feminino brasileiro

Dribbling obstacles: factors associated with the careers of high-performance athletes in Brazilian women's futsal

Superando obstáculos: factores con la profesionalización de las carreras de atletas de rendimiento en el futsal femenino brasileño

Adriana Aparecida Costa[a], Natalia Veronez da Cunha[a], Lilia Aparecida Kanan[a], Ana Emilia Siegloch[a]*

Palavras-chave:
Carreira;
Esporte;
Suporte organizacional;
Realização profissional.

RESUMO
Apesar dos avanços recentes, a carreira no futsal feminino brasileiro ainda carece de reconhecimento profissional. Este estudo analisou fatores sociodemográficos, educacionais, familiares e organizacionais associados à trajetória e à realização profissional de atletas da Liga Feminina de Futsal de 2024. Trata-se de pesquisa descritiva, transversal e quantitativa, com recorte censitário envolvendo 179 atletas de 12 equipes. Cerca de 90% recebiam até quatro salários mínimos; 80,6% dedicavam-se exclusivamente ao futsal; e 85% recebiam bolsa acadêmica, favorecendo a dupla carreira. Remuneração, condições laborais e suporte organizacional associaram-se à realização profissional, indicando que ambientes estruturados fortalecem permanência, valorização e desenvolvimento da carreira esportiva.

Keywords:
Career;
Sport;
Organizational support;
Professional fulfillment.

ABSTRACT
Despite recent advances, careers in Brazilian women's futsal still lack professional recognition. This study analyzed sociodemographic, educational, family, and organizational factors associated with the career trajectory and professional fulfillment of athletes from the 2024 Women's Futsal League. This was a descriptive, cross-sectional, quantitative study with a census-based approach involving 179 athletes from 12 teams. Approximately 90% earned up to four minimum wages; 80.6% were exclusively dedicated to futsal; and 85% received academic scholarships, supporting dual careers. Remuneration, working conditions, and organizational support were associated with professional fulfillment, indicating that structured environments strengthen athletes' retention, recognition, and the development of the sport.

Palabras clave:
Carrera;
Deporte;
Apoyo organizacional;
Realización profesional.

RESUMEN
A pesar de los avances recientes, la carrera en el futsal femenino brasileño aún carece de reconocimiento profesional. Este estudio analizó factores sociodemográficos, educativos, familiares y organizacionales asociados con la trayectoria y la realización profesional de atletas de la Liga Femenina de Futsal de 2024. Se trata de una investigación descriptiva, transversal y cuantitativa, con un enfoque censal que incluyó a 179 atletas de 12 equipos. Cerca del 90% recibía hasta cuatro salarios mínimos; el 80,6% se dedicaba exclusivamente al futsal; y el 85% recibía beca académica, favoreciendo la doble carrera. La remuneración, las condiciones laborales y el apoyo organizacional se asociaron con la realización profesional, indicando que los entornos estructurados fortalecen la permanencia, la valorización y el desarrollo de la modalidad deportiva.

[a]Universidade do Planalto Catarinense, Programa de Pós-graduação em Ambiente e Saúde. Lages, SC, Brasil.

***Autor correspondente:**
Ana Emilia Siegloch
E-mail: asiegloch@uniplaclages.edu.br

Recebido em 28 de agosto de 2025; aceito em 3 de junho de 2026.

Editores(as) responsáveis:

Editor Executivo: Pedro Otavio Pimpim Bezerra

Editor Associado: Christiane Macedo

Editor Assistente: Eduardo Klein Carmona

Editor Final: Ari Lazzarotti Filho

DOI: https://doi.org/10.1590/rbce.48.e20250111

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

INTRODUÇÃO

A trajetória das atletas de futsal feminino tem se consolidado gradualmente no cenário nacional e internacional, acompanhando a institucionalização da modalidade e a ampliação de competições específicas para mulheres. Embora o futsal tenha origens anteriores à sua organização pela FIFA, o ano de 1989 marcou a realização do primeiro Campeonato Mundial de Futsal organizado pela entidade (FIFA, 2024). No entanto, a realização da primeira Copa do Mundo de Futsal Feminino da FIFA ocorreu somente 36 anos depois em 2025, disputada nas Filipinas e que representou um marco histórico para a visibilidade e o reconhecimento internacional da modalidade feminina, com o Brasil conquistando o título mundial (FIFA, 2025).

No cenário internacional, há um crescimento progressivo de competições e iniciativas voltadas ao futsal feminino, como a UEFA Women's Futsal EURO, cuja primeira edição ocorreu em 2019, e a CONMEBOL Copa América de Futsal Feminina, que tem consolidado a modalidade no contexto sul-americano (UEFA, 2019; CONMEBOL, 2025). No Brasil, a existência de competições nacionais femininas em diferentes categorias também evidencia avanços organizacionais, porém tais progressos ainda não eliminaram as desigualdades estruturais relacionadas ao financiamento, à visibilidade midiática, ao reconhecimento institucional e às condições de carreira das atletas (LNF, 2025; Barreira et al., 2024). A profissionalização do futsal feminino no Brasil enfrenta vários desafios, como a falta de patrocínio, a baixa visibilidade e o preconceito em relação ao esporte por mulheres (Souza e Martins, 2018). A criação da Liga Feminina de Futsal (LFF) em 2022 representou um marco importante para o desenvolvimento do futsal feminino no Brasil.

Apesar dos avanços recentes no acesso das mulheres às modalidades esportivas, o desenvolvimento do futsal feminino permanece marcado por desigualdades de gênero (Souza e Martins, 2018). Modalidades esportivas tais como o futebol e o futsal foram historicamente construídas como espaços de predominância masculina, o que contribuiu para a menor visibilidade das mulheres, para a desvalorização de suas trajetórias esportivas e para a permanência de preconceitos relacionados à feminilidade, ao corpo e à legitimidade da prática esportiva feminina (Barreira et al., 2018; Goellner, 2005; Mascarin et al., 2017). A profissionalização do futsal feminino no Brasil enfrenta vários desafios, como a falta de patrocínio, a baixa visibilidade e o preconceito em relação ao esporte por mulheres (Souza e Martins, 2018). Segundo esses autores, a carreira das jogadoras de futsal feminino é mal estruturada, com falta de contratos formais e proteção legal para essas atletas que, muitas vezes, dependem de bolsas de estudo e outros benefícios de seus clubes, visto que suas famílias são, na maioria das vezes, de baixa renda. Nessa perspectiva, Costa (2007) destaca que o esporte de rendimento envolve a superação de práticas amadoras e passa a exigir maior organização institucional, especialização, remuneração, contratos, gestão eficiente e busca sistemática por resultados. Assim, o desempenho esportivo não depende apenas das atletas, mas também das condições estruturais oferecidas pela modalidade.

O presente estudo fundamenta-se em uma abordagem socioecológica da carreira esportiva, compreendendo a trajetória profissional das atletas como resultado da interação entre características individuais e diferentes contextos sociais, familiares, educacionais, organizacionais e laborais (Stambulova et al., 2021). Essa perspectiva permite analisar a carreira das jogadoras de futsal para além do desempenho esportivo, considerando que suas oportunidades, permanência e percepção de realização profissional são atravessadas por condições familiares, institucionais e socioculturais (Mascarin et al., 2019). Nesse sentido, o suporte familiar, avaliado pelo inventário de percepção de suporte familiar, e o suporte organizacional, avaliado pela escala de percepção de suporte organizacional, são compreendidos como dimensões centrais para interpretar as condições de desenvolvimento e profissionalização das atletas (Baptista, 2005, 2007; Baptista et al., 2008; Siqueira, 1995; Siqueira e Gomide, 2008). Adicionalmente, a perspectiva de gênero contribui para situar essas trajetórias em uma modalidade historicamente marcada pela menor visibilidade, desigualdade de oportunidades e fragilidades no reconhecimento profissional das mulheres no esporte (Mascarin et al., 2017).

Além disso, a literatura científica sobre a carreira esportiva e a trajetória profissional das atletas do futsal feminino ainda é escassa e recente, visto que os estudos sobre futsal feminino tiveram início em 1998, período em que as mulheres deixaram de serem proibidas de praticar as modalidades de futebol e futsal (Barreira et al., 2018). No entanto, a expansão das publicações somente ocorreu a partir de 2010, possivelmente devido a visibilidade ocasionada pela primeira temporada do Torneio Mundial Feminino de Futsal realizado naquele ano (Barreira et al., 2024). No geral, há um cenário de publicação bastante homogêneo, liderado por pesquisadores brasileiros, focado no futsal feminino de alto nível, com atletas sênior, sobre desempenho físico e tático e na temática sobre força e condicionamento físico (Barreira et al., 2018; Barreira et al., 2024; Costa et al., 2024). Segundo a revisão de literatura de Costa et al. (2024), naquele momento, havia apenas três estudos sobre a carreira de atletas de rendimento no futsal feminino, reforçando a escassez científica sobre a temática.

A presença de mulheres no futsal e o impacto positivo no ambiente social e na carreira das jogadoras reforça a importância de compreender os fatores que vem norteando a trajetória profissional das atletas brasileiras (Tamashiro et al., 2022). Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a trajetória de carreira de atletas de rendimento no futsal feminino brasileiro, a partir da interação entre

condições sociodemográficas, educacionais, familiares e organizacionais, bem como sua relação com a percepção de realização profissional.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este foi um estudo quantitativo, descritivo e transversal, com coleta de dados à campo. O foco do estudo foi as atletas da Liga Feminina de Futsal – LFF, criada em 2022, pela ABFFUTSAL, com o objetivo de proporcionar uma liga forte, com independência financeira e com meta de transformar o cenário da modalidade no país. A partir dessa data, o futsal feminino brasileiro passou a escrever uma nova página na sua história, transformando-se na principal competição de futsal feminino. Na competição de 2024, participaram 12 equipes de rendimento, entre abril e novembro, com jogos em cinco estados (SC, SP, PR, MS e DF).

Todas as atletas da LFF de 2024, titulares e reservas, foram convidadas para participar do estudo, adotando-se os seguintes critérios de inclusão: aceitar participar assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e possuir idade maior que 18 anos. Assim, das 239 atletas inscritas na competição, 179 atletas foram incluídas na pesquisa, as quais eram atuantes nas equipes: Leoas da Serra – SC; Barateiro Havan Futsal – SC; Female/Unochapecó – SC; E. C. Taboão Magnus – SP; São José Futsal Feminino – SP; Unidep/Pato Branco – PR; ADTB Telêmaco Borba – PR; Guibon Foods/Cianorte – PR; Stein Cascavel Futsal – PR; Londrina Futsal – PR; Pezão/UCDB – MS e Adef/Apcef – Df. A Figura 1 representa a distribuição geográfica das atletas que participaram do estudo.

Dessa forma, o estudo abrangeu a totalidade da população-alvo, dispensando cálculo amostral prévio e garantindo maior representatividade dos achados. Essa estratégia metodológica confere robustez ao estudo, uma vez que contempla diferentes regiões do país e diferentes contextos organizacionais.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Planalto Catarinense (número 6.971.791) e respeitou as normas e diretrizes da Resolução nº 510/2016, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2016). Após a aprovação pelo CEP, a coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado auto aplicável, contendo seis instrumentos organizados no *Google Forms*. Os seguintes instrumentos, já validados, foram usados: o suporte parental pelo Inventário de percepção de suporte familiar – IPSF, elaborado por Baptista (2005, 2007) e Baptista et al. (2008) e o suporte organizacional pela Escala de percepção de suporte organizacional – EPSO (escala reduzida) de Siqueira (1995) e de Siqueira e Gomide (2008). A EPSO, originalmente validada por Siqueira (1995) e por Siqueira e Gomide (2008), apresenta bons índices psicométricos de consistência interna (alfa de Cronbach > 0,80) em diferentes contextos laborais no Brasil. Embora não seja específica para o esporte, estudos anteriores com atletas em formação demonstraram sua aplicabilidade no contexto esportivo, permitindo mensurar de forma fidedigna a percepção de suporte das organizações esportivas. Da mesma forma, o IPSF,

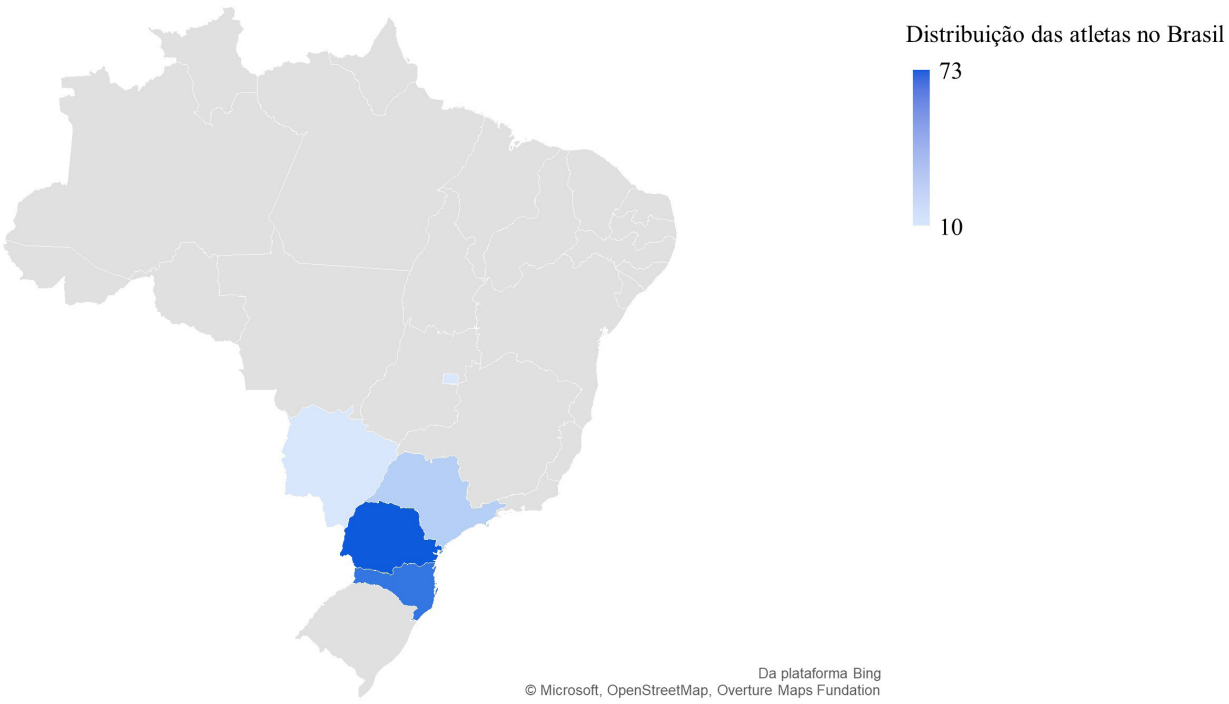

Figura 1. Distribuição geográfica das atletas que participaram do estudo e que participaram da Liga Feminina de Futsal.
Fonte: Elaborado pelas autoras.

desenvolvido por Baptista (2005, 2007) e Baptista et al. (2008), apresenta validade de construto e índices de confiabilidade adequados (α > 0,70). Sua utilização em populações jovens e em diferentes cenários sociais respalda sua adequação para avaliar a dimensão familiar em atletas de rendimento, fornecendo um panorama consistente do suporte recebido no núcleo doméstico (Quadro 1).

Os instrumentos foram enviados por e-mail e *WhatsApp* aos supervisores de cada uma das equipes, sendo explicado, por ligação telefônica, o objetivo e relevância do estudo.

Após a coleta dos dados, os mesmos foram codificados, tabulados e organizados em planilhas do Excel. O escore médio da EPSO foi obtido somando-se os valores indicados pelos participantes e divididos por nove (número de questões da versão completa). Três itens com formulação negativa (questões 3, 7 e 8) tiveram sua pontuação invertida (1 foi invertido para 7, 2 foi invertido para 6, 3 foi invertido para 5, 4 mantido 4, 5 foi invertido para 3, 6 foi invertido para 2, 7 foi invertido para 1), antes de proceder com o cálculo da média. A interpretação dos resultados obtidos considerou que quanto maior o escore médio, mais o respondente percebe o suporte organizacional. Assim, valores entre 7 e 4 indicam que os trabalhadores percebem que a empresa está realmente preocupada em promover o seu bem-estar; valores entre 4 e 4,9 podem revelar dúvidas sobre a preocupação da empresa para com o bem-estar dos colaboradores, e valores entre 1 e 3,9 tendem a mostrar que os trabalhadores percebem a falta de preocupação da empresa com o seu bem-estar.

Em relação à escala IPSF, foram utilizadas apenas as questões de 1 a 17, com uma escala likert de 3 pontos (1= Quase nunca ou nunca, 2 = às vezes, 3= Quase sempre ou sempre) e três dimensões. A primeira dimensão é denominada Afetivo-Consistente (questões 2, 3, 4, 5, 9, 11, 15, 17). A dimensão Adaptação Familiar (questões 1, 6, 7, 8, 13 e 16) que expressa sentimentos negativos em relação à família, foram invertidos os valores para que pudessem ser calculados com valência igual aos itens das outras duas dimensões. O terceiro eixo Autonomia Familiar foi representado pelas questões 10, 12 e 14. Como nesta pesquisa não foi possível a obtenção de todas as 42 questões do instrumento, foi usado o valor médio a fim de compreender a percepção das participantes do estudo referente ao suporte familiar nas três dimensões.

Para os demais instrumentos foi realizada análise estatística descritiva (média, desvio padrão e percentual). Também foram realizados testes de associação entre variáveis qualitativas (remuneração, percepção organizacional, incentivos educacionais e condições laborais) pelo teste de qui quadrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A caracterização do perfil sociodemográfico das atletas brasileiras pode ser observada na Tabela 1. A maioria das atletas é jovem, na faixa etária entre 18 e 24 anos, as quais representam 53,7% (n=94) da amostra, seguida pela faixa de 25 a 30 anos que compreendeu 37,1% (n=65), o que reflete um perfil etário jovem característico de modalidades esportivas de rendimento. Martins et al. (2021a) mostraram no estudo realizado com 11 atletas pertencentes à seleção brasileira no momento da disputa do Campeonato Mundial da FIFA de Futsal Feminino de 2011, realizado em Fortaleza (CE), que a idade média das atletas da seleção brasileira naquele ano foi considerada relativamente baixa quando comparada às seleções de futebol feminino que participam dos Jogos Olímpicos, cuja média era de aproximadamente 27 anos, e relativamente semelhante às demais seleções sul-americanas de futsal feminino, que também se situam em torno dos 23 anos. Além disso os autores mostraram que o início de prática federada ocorre apenas por volta dos 15 anos, o que evidencia que essas atletas enfrentaram um percurso formativo marcado por lacunas estruturais, poucas competições femininas na infância e adolescência e atraso na formalização do treinamento, características relacionadas ao encurtamento das carreiras no futsal feminino brasileiro. Da mesma forma, o estudo desenvolvido por Mascarin et al. (2019), sobre as experiências diversificadas no desenvolvimento da

Quadro 1. Instrumentos utilizados para a coleta de dados da pesquisa.

Avaliação do:	Instrumento/Autor
Perfil sociodemográfico	Criado pela pesquisadora
Ambiente laboral	Criado pela pesquisadora
Incentivos educacionais	Criado pela pesquisadora
Suporte parental	Inventário de percepção de suporte familiar – IPSF (Questões 1 a 17) Baptista (2005, 2007); Baptista et al. (2008)
Suporte organizacional	Escala de percepção de suporte organizacional – EPSO Siqueira (1995), Siqueira e Gomide (2008)
Percepção da Realização profissional	Criado pela pesquisadora

Fonte: Elaborado pelas autoras

Tabela 1. Descritores sociodemográficos das atletas da Liga Feminina de Futsal – LFF, 2024.

Variáveis sociodemográficas	Frequência (n)	Percentual (%)
Classe Etária		
36 a 41 anos	5	2,9%
31 a 35 anos	11	6,3%
25 a 30 anos	65	37,1%
18 a 24 anos	94	53,7%
Raça/etnia		
Amarela	5	2,9%
Parda	59	33,7%
Preta	27	15,4%
Branca	84	48,0%
Estado Conjugal		
Casada	6	3,4%
Solteira	166	94,9%
Filhos		
Sim	2	1,1%
Não	173	98,9%
Moradia individual		
Sim	49	28,0%
Não	126	72,0%
Mora com Pais		
Sim	31	17,7%
Não	144	82,3%
Mora em Alojamento		
Sim	104	59,4%
Não	71	40,6%
Trabalha Exclusivamente com Futsal		
Sim	141	80,6%
Não	34	19,4%
Possui Trabalho Complementar		
Sim	48	27,4%
Não	127	72,6%

n= número de atletas;
Fonte: Elaborado pelos autores.

carreira das atletas de futsal no Brasil, ressalta que o início da prática sistemática da modalidade tem ocorrido mais tarde em comparação aos jogadores masculinos, sendo que o processo tardio de especialização esportiva das mulheres parece associado a falta de competições para meninas e ao fato de "jogos de chute na bola" serem considerados práticas voltadas aos homens.

A maioria das atletas identificou-se como branca, representando 48,0% (n=84) da amostra, seguida por 33,7% (n=59) que se declararam pardas, enquanto 15,4% (n=27) indicaram ser pretas. No entanto, quando se trabalha com a categoria mulheres negras, composta pela soma das atletas pretas e pardas, observa-se que este grupo representa 49,1% da amostra. Esse resultado indica que o futsal feminino pode constituir um espaço relevante de participação esportiva para mulheres negras. No entanto, a representatividade numérica, por si só, não garante equidade de condições na carreira esportiva. À luz da perspectiva interseccional, raça, gênero e classe social devem ser analisados de forma articulada, pois esses marcadores produzem experiências distintas de acesso, permanência, reconhecimento e profissionalização no esporte, especialmente em modalidades historicamente masculinizadas, como o futebol e o futsal (Martins et al., 2024). Neste sentido, os achados reforçam a importância de investigações futuras que examinem possíveis desigualdades nas trajetórias que as atletas negras vivenciam relacionadas à visibilidade, ao suporte institucional e à valorização profissional.

Quanto ao estado civil e à maternidade das atletas, a maioria é solteira (94,9%, n=166) e não possui filhos (98,9%, n=173). Esses dados refletem um panorama no qual a dedicação ao esporte de rendimento parece estar

associada a escolhas pessoais que privilegiam a carreira esportiva em detrimento de compromissos conjugais e responsabilidades parentais. A dedicação intensa necessária para treinar e competir pode entrar em conflito com compromissos conjugais e responsabilidades parentais (Cirino e Rabelo, 2021). De acordo com Fetter (2020), as atletas brasileiras frequentemente encaram a maternidade como um entrave ao desenvolvimento profissional, pois ela pode acarretar perdas contratuais, afastamento de seleções e interrupções nos ciclos olímpicos, mesmo a mera possibilidade de engravidar leva as mulheres a reconsiderar sua posição e sua condição enquanto atletas. Ainda segundo o autor, para as atletas brasileiras que são mães, além das viagens e competições, as profissionais relatam que não há estrutura de acolhimento nos clubes, como a disponibilidade de uma babá no centro de treinamento. Além de atendimento psicológico para compartilhar suas angústias e dúvidas, e sofrimentos com seus papéis duplos.

Em relação às condições de moradia, foi observado que 17,7% (n=31) das atletas residem com os pais, enquanto a maioria 82,3% (n=144) vive de forma independente. Além disso, 59,4% (n=104) das participantes informaram morar em alojamentos fornecidos pelas equipes, destacando a relevância desse tipo de apoio no contexto esportivo. Esses resultados enfatizam a importância do suporte habitacional oferecido pelas equipes no contexto esportivo, evidenciando sua contribuição para a independência das atletas e para a continuidade de suas carreiras em um ambiente competitivo.

O estudo mostrou que 80,6% (n=141) das atletas dedicam-se, exclusivamente, ao futsal, indicando um foco integral no esporte como profissão. Por outro lado, ainda 19,4% (n=34) exercem outras atividades paralelamente, o que pode refletir na necessidade de complementar a renda devido à precariedade das condições financeiras no esporte. De acordo com Krahenbühl e Alencar (2023) apesar de muitas atletas dedicarem-se apenas ao esporte, uma parte significativa busca um "trabalho-extra", talvez para aumentar a renda ou garantir mais segurança financeira devido às limitações do esporte. A necessidade de ter uma renda extra ainda é uma realidade para as atletas brasileiras, o que evidencia a insegurança financeira na carreira esportiva. Souza e Martins (2018) apontam que a carreira no futsal de mulheres é pouco estruturada, o que ajuda a compreender o motivo pelo qual o perfil das atletas é direcionado àquelas que advém de um contexto de baixo poder aquisitivo.

Este estudo mostrou que a maioria das atletas recebe remuneração na faixa entre 0 a 1 salários (45,1%, 79 atletas) e entre 2 a 4 salários mínimos (42,9%, 75 atletas), além disso 8,6% (15 atletas) não recebem salário (Figura 2). Ou seja, 53,7% das atletas recebem menos de um salário mínimo, o que sugere não apenas baixa remuneração, mas uma carreira marcada pela informalidade, pela ausência de contratos profissionais e pela dependência de benefícios indiretos ou bolsas.

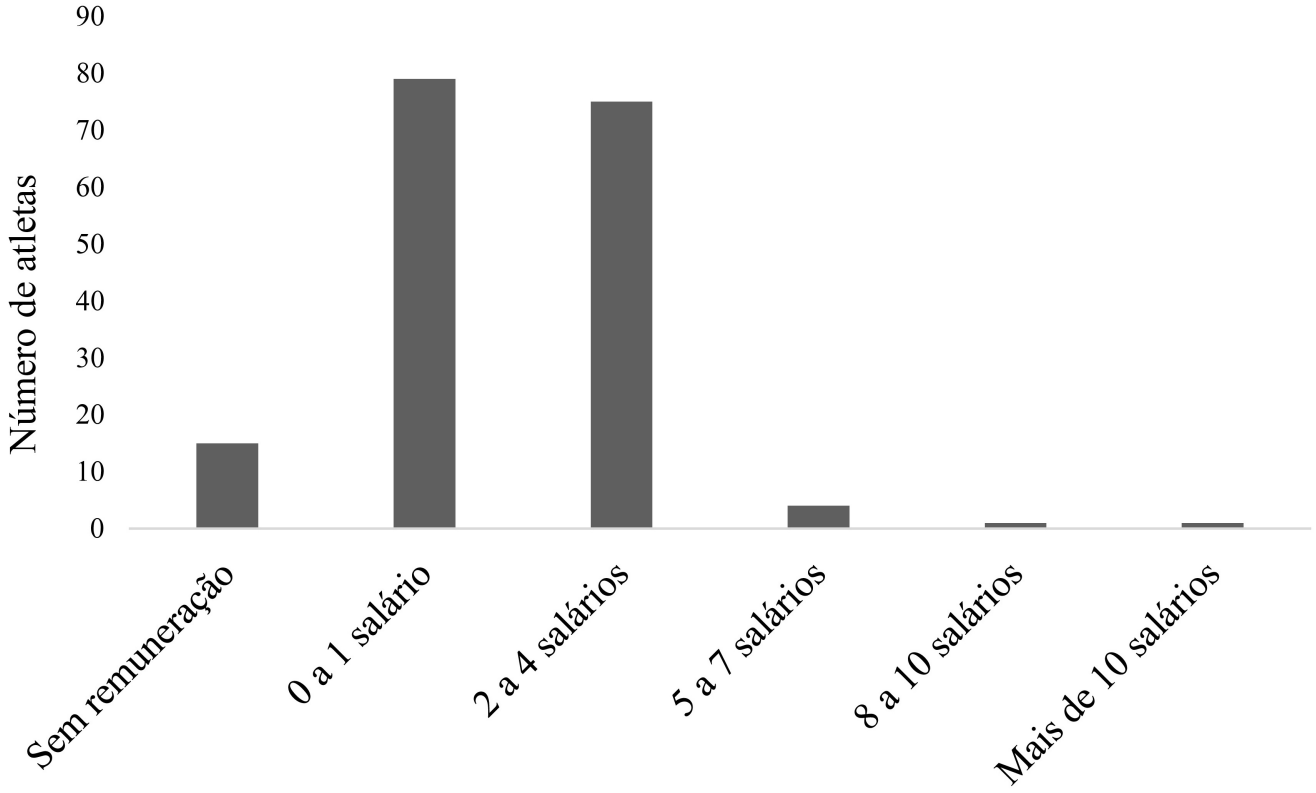

Figura 2. Remuneração das atletas pelo clube que atuam na Liga Feminina de Futsal – LFF, 2024.
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Apenas 1,2% (2 atletas) recebe mais de 8 salários mínimos. Esse dado sugere que as oportunidades de remuneração mais elevada estão restritas a poucos casos, o que parece relacionado a fatores como a visibilidade da modalidade, acordos de patrocínio e suporte financeiro por parte de clubes e instituições. A baixa representatividade de atletas nessa faixa salarial demonstra desafios estruturais para o crescimento profissional do futsal feminino no país. De acordo com Souza e Martins (2018) ressaltam que, mesmo existindo legislação que determina o caráter profissional do futebol, na prática essa garantia beneficia apenas os homens; as mulheres continuam submetidas a um contexto amador, sem remuneração fixa e, em alguns casos, recebendo apenas auxílio-transporte ou bolsas vinculadas a instituições de ensino superior. A ausência de uma remuneração justa, sobretudo para as mulheres, pode ocasionar a interrupção de suas trajetórias profissionais no esporte, levando-as a procurar alternativas em outras áreas de atuação (Martins et al., 2021b).

Ao investigar os incentivos educacionais vinculados à formação profissional durante a carreira das atletas, a maioria (84,6%, n=148) informou que recebeu algum tipo de bolsa acadêmica para que possam conciliar a vida esportiva com a educação formal de nível superior, o que é condizente com o percentual de atletas que já possuem ensino superior completo (26,9%, n=47) ou estão cursando algum curso no ensino superior (26,9%, n=65). Além disso 100% dos clubes incentivam a continuidade dos estudos e 93,1% (n=162) das atletas relataram que os clubes flexibilizam os horários de treino para acomodar as demandas educacionais das jogadoras, permitindo uma melhor conciliação entre o esporte e a vida acadêmica. Segundo Cordeiro et al. (2018), o futsal é uma ferramenta muito importante para a inclusão social, atribuição de valores, educação, formação cidadã e contribui para o processo de transformação social. Para as mulheres, a conciliação da carreira com os estudos vai da adolescência até a idade adulta, quando os clubes as concedem bolsa universitária e salário (Martins et al., 2021b).

Os resultados evidenciam a relevância da dupla carreira no futsal feminino brasileiro, uma vez que a maioria das atletas recebeu bolsa acadêmica, cursava ou já havia concluído o ensino superior, além de relatar incentivo institucional e flexibilização dos horários de treino pelos clubes. Esses achados dialogam com Stambulova e Wylleman (2019), que compreendem a dupla carreira como uma trajetória centrada na articulação entre esporte e estudos ou trabalho. Para os autores, essa conciliação envolve múltiplas demandas e barreiras, como falta de flexibilidade, escassez de apoio financeiro e ausência de suporte profissional, tornando necessário o apoio de redes institucionais e interpessoais capazes de minimizar obstáculos e favorecer a permanência dos atletas na dupla carreira. Nessa perspectiva, as bolsas, o incentivo educacional e a reorganização dos horários de treino podem ser interpretadas como mecanismos importantes para favorecer a permanência das atletas na modalidade, ampliar suas oportunidades formativas e contribuir para a construção de trajetórias profissionais menos dependentes do desempenho esportivo.

Em relação a avaliação do ambiente laboral pelas atletas do estudo, foram observadas percepções positivas em relação aos locais de treinamento e recursos fornecidos (Tabela 2). No entanto, as condições de transporte e protocolos para tratamento de lesões necessitam melhorias (Tabela 2).

Esses dados revelam que, embora alguns aspectos do ambiente laboral sejam amplamente satisfatórios, outros, como o transporte e os protocolos de tratamento de lesões, ainda apresentam espaço para melhorias na qualidade do transporte e tratamento de lesões. Em relação ao transporte, Freire et al. (2019) ressaltam que a logística do mesmo é um componente crucial na rotina das atletas, impactando, diretamente, em seu bem-estar e desempenho. Segundo os autores a percepção da qualidade de vida no domínio físico foi significativamente menor entre as atletas sem patrocínio, sugerindo que as limitações financeiras podem afetar o acesso aos meios de transporte adequados e a participação em treinamentos e competições. Já o estudo realizado por Gayardo et al. (2012) sobre a prevalência de lesões em atletas do futsal

Tabela 2. Avaliação pelas atletas do ambiente laboral, representado pela frequência e percentual das respostas (n=171).

Variáveis	Muito Ruim n (%)	Ruim n (%)	Razoável n (%)	Bom n (%)	Muito Bom n (%)
Local de treinamento com bola	0 (0%)	1 (0,6%)	14 (8,0%)	68 (38,9%)	92 (52,6%)
Local de condicionamento físico	1 (0,6%)	1 (0,6%)	18 (10,3%)	69 (39,4%)	86 (49,1%)
Conforto do transporte durante viagens	3 (1,7%)	16 (9,1%)	63 (36,0%)	51 (29,1%)	42 (24,0%)
Competência da Comissão técnica	0 (0%)	2 (1,1%)	15 (8,6%)	77 (44,0%)	81 (46,3%)
Protocolo de tratamento de lesões	4 (2,3%)	14 (8,0%)	53 (30,3%)	55 (31,4%)	49 (28,0%)
Qualidade dos uniformes	2 (1,1%)	2 (1,1%)	25 (14,3%)	66 (37,7%)	80 (45,7%)
Qualidade das bolas disponibilizadas	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	47(26,9%)	128 (73,1%)

n= número de atletas, %=percentual;
Fonte: Elaborado pelas autoras.

feminino, mostrou que 54,1% das atletas apresentaram algum tipo de lesão durante a temporada de 2010, sendo a maioria nos membros inferiores, especialmente coxa, tornozelo e joelho. A pesquisa destaca a importância de estratégias específicas de prevenção para minimizar o número de lesões e recuperação rápida das atletas. A eficácia dos protocolos de tratamento de lesões é fundamental para a recuperação e longevidade na carreira das atletas (Gayardo et al., 2012).

Observa-se que a maioria dos clubes disponibiliza departamento médico (73,1%, n=128) e serviço de fisioterapia (79,4%, n=139), indicando um suporte relativamente adequado para o tratamento de lesões e recuperação física das jogadoras (Figura 3). No entanto, quando se trata de aspectos mais amplos da saúde e bem-estar, como assistência psicológica e suporte nutricional, os números revelam um cenário menos favoráveis. Apenas para 28,0% (n=49) das atletas os clubes oferecem acompanhamento psicológico, enquanto 72,0% (n=126) não contam com esse serviço, evidenciando um déficit significativo no apoio à saúde mental das atletas.

Além disso, o suporte nutricional também é limitado, onde apenas 39,4% (n=69) das atletas possuem acompanhamento nessa área. De acordo com estudo feito por Batalha et al. (2019), o perfil alimentar das jogadoras de futsal possui um alto consumo de carboidratos e verduras, porém, não possuem uma orientação nutricional adequada, o que pode ser constatado nos dados que mostram uma frequente ingestão de açúcares e carboidratos, o que reforça a importância do acompanhamento nutricional das atletas. Losado e Ceni (2016) ainda ressaltam que atletas com consumo adequado de nutrientes e calorias apresentam reserva de glicogênio muscular elevada, o que desempenha um papel-chave na produção de energia durante o exercício. Cosvoski et al. (2019) também ressalta que na prática desportiva competitiva é fundamental priorizar o cuidado com a saúde mental, pois a pressão por desempenho pode gerar além da sobrecarga física, problemas psiquiátricos, como o estresse pré-competitivo e, em alguns casos, a síndrome de burnout. Esses resultados apontam para a necessidade de uma maior atenção às demandas das jogadoras, não apenas no aspecto físico, mas, também, na saúde mental e nutricional, que são essenciais para o desenvolvimento completo das atletas.

Os resultados obtidos com aplicação da Escala de Percepção de Suporte Organizacional (EPSO) indicam que a maioria dos participantes apresenta uma percepção moderada de suporte organizacional. Especificamente, 48,6% das participantes obtiveram escores na faixa de 4 a 4,9, o que revela dúvidas quanto ao suporte oferecido pela organização sobre o comprometimento da empresa com o bem-estar das atletas. Por outro lado, 36,0% das participantes alcançaram escores na faixa de 5 a 7, indicando que percebem um suporte organizacional mais positivo e consistente, refletindo a percepção de que a organização se preocupa com seu bem-estar. Apenas 15,4% das respondentes, apresentou escores entre 1 e 3,9, evidenciando uma percepção negativa sobre o suporte recebido, o que pode indicar falta de acolhimento

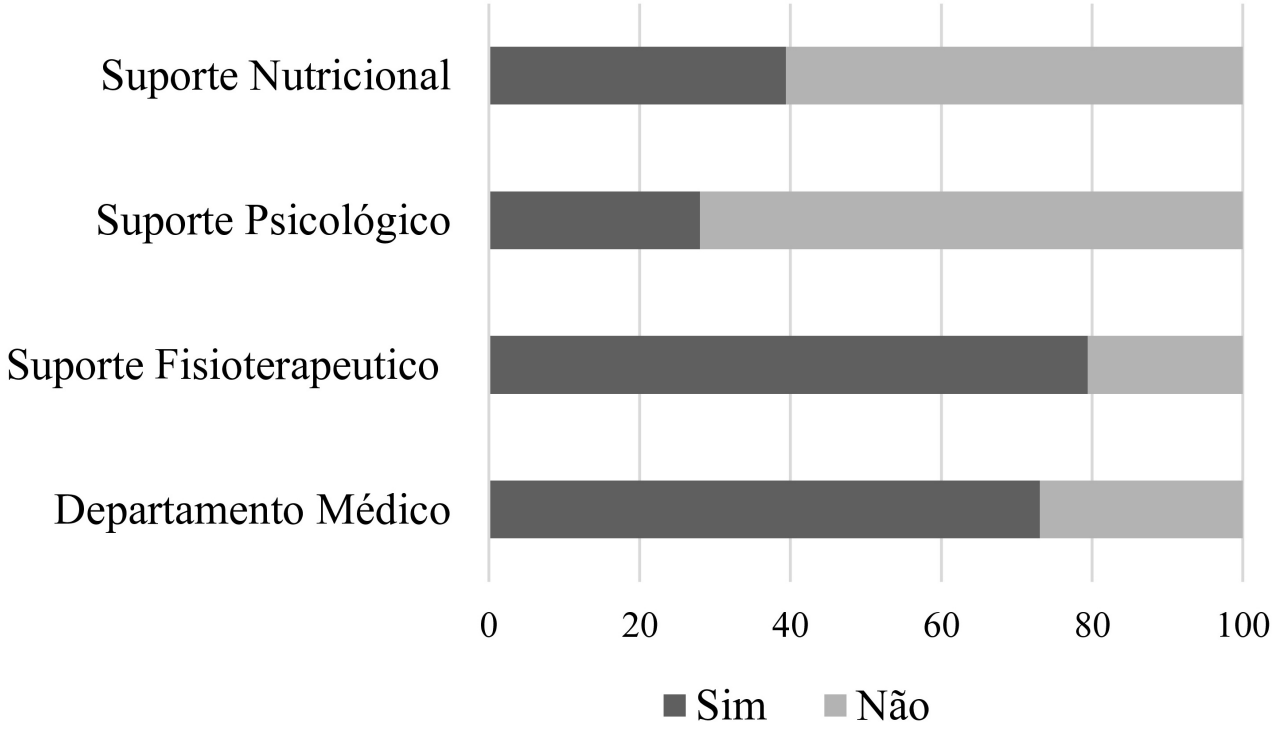

Figura 3. Percentual de atletas que recebem suporte de saúde pelos clubes que atuam na Liga Feminina de Futsal – LFF, 2024.
Fonte: Elaborado pelas autoras.

ou reconhecimento por parte da organização. Esses resultados ressaltam a importância de aprimorar as práticas de suporte e comunicação para aumentar a percepção positiva e reduzir incertezas entre as atletas.

Ao avaliar o escore médio das três dimensões do inventário de percepção de suporte familiar (IPSF) para 17 questões aplicadas, a mesma evidenciou que valores médios próximos de três para as dimensões Adaptação Familiar (2,7±0,3) e Autonomia Familiar (2,8±0,3), já a dimensão Afetivo-Consistente apresentou escore médio intermediário próximo de dois (2,2±0,4). A dimensão Afetivo-Consistente reflete os laços positivos dentro das relações familiares, abrangendo desde o cuidado mútuo até demonstrações verbais e não verbais de afeto, definição clara dos papéis e normas entre os membros da família, além da capacidade de lidar com situações desafiadoras de forma eficaz (Baptista, 2005, 2007; Baptista et al., 2008). Segundo os autores a Adaptação Familiar está associada a sentimentos negativos relacionados ao ambiente familiar, como exclusão, isolamento, raiva, vergonha, relações conflitantes marcadas por brigas e gritos, irritação, incompreensão, além da sensação de competição entre os membros, acompanhada de interesses e culpabilização em momentos de conflito. Por outro lado, a Autonomia Familiar refere à percepção que o indivíduo tem da independência dentro de sua família, englobando aspectos como confiança mútua, respeito à privacidade e liberdade nas interações familiares (Baptista, 2005, 2007; Baptista et al., 2008).

A maioria (53,7%) das atletas relatou sentir realização profissional; 63,4% acredita que o trabalho no clube permite utilizar seu talento/habilidade e 54,3% sentem-se valorizadas (Figura 4). No entanto, apenas 32,6% das atletas percebem que o trabalho está alinhado aos objetivos da carreira a longo prazo. Tal fator pode indicar a necessidade de maior suporte institucional e profissional para o desenvolvimento da carreira esportiva, permitindo que as atletas tenham uma trajetória com maior duração no futsal feminino.

Os achados deste estudo parecem indicar que a realização profissional das atletas brasileiras de futsal não

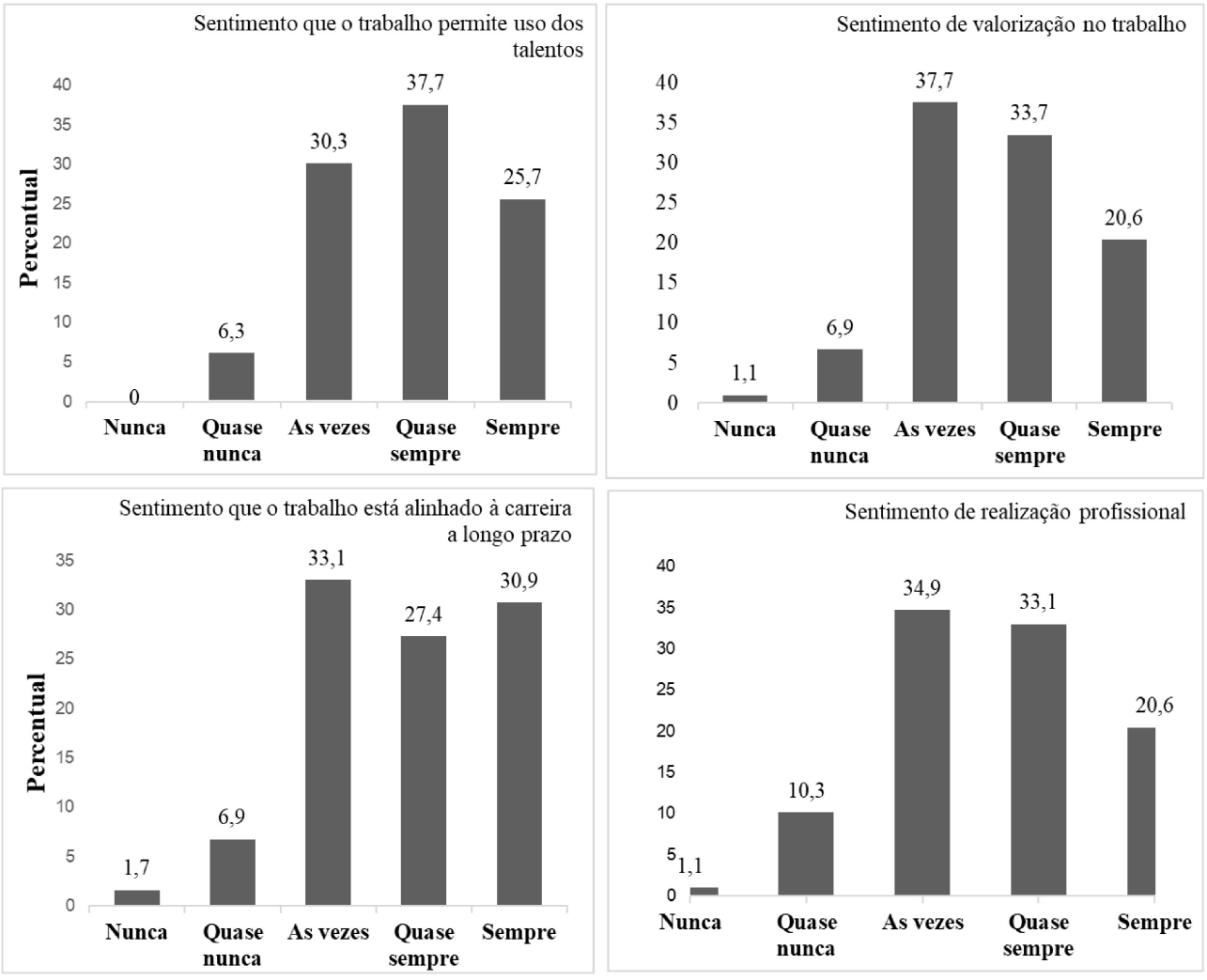

Figura 4. Percentual sobre a percepção das atletas quanto a realização profissional das que atuam na Liga Feminina de Futsal – LFF, 2024.
Fonte: Elaborado pelas autoras.

deve ser interpretada apenas como satisfação individual com o clube, mas como expressão de um processo mais amplo de reconhecimento e profissionalização da modalidade. Embora 53,7% das atletas tenham relatado sentir-se realizadas profissionalmente, apenas 32,6% perceberam que o trabalho no clube estava alinhado aos seus objetivos de carreira em longo prazo. Essa aparente ambivalência sugere que a realização cotidiana pode coexistir com incertezas sobre a continuidade da carreira esportiva, especialmente em um contexto no qual a trajetória das mulheres no futsal ainda é marcada por desigualdades de gênero, baixa visibilidade e fragilidades estruturais de profissionalização (Mascarin et al., 2019; Barreira et al., 2024). O estudo qualitativo desenvolvido por Mascarin et al. (2019) sobre carreira de atletas mulheres no futsal brasileiro já apontava que as condições da prática feminina e as questões de gênero influenciam as experiências pessoais e esportivas das atletas.

O teste de qui-quadrado evidenciou associação significativa entre a remuneração e o sentimento de realização profissional (p<0,001), sendo que as participantes com maior remuneração relataram, com maior frequência níveis mais elevados de realização profissional. A associação entre remuneração e realização profissional não deve ser interpretada como um achado trivial, mas como um indicativo da fragilidade estrutural da carreira no futsal feminino. No entanto, essa relação precisa ser compreendida para além da ideia de que atletas mais bem remuneradas sentem-se mais realizadas. No contexto do futsal feminino, a remuneração representa uma dimensão concreta de reconhecimento profissional, mas também um marcador de segurança material, permanência na modalidade e redução da necessidade de múltiplos vínculos laborais. Assim, salários baixos ou instáveis podem produzir insegurança econômica, limitar o planejamento da carreira, ampliar a dependência de bolsas, empregos paralelos ou apoio familiar e favorecer a rotatividade ou o abandono precoce do esporte. Relatórios internacionais sobre o futebol feminino mostram que baixa remuneração, ausência de contratos formais e necessidade de conciliar esporte com estudo ou outro trabalho são problemas recorrentes na profissionalização das atletas mulheres (FIFPRO, 2023, 2025).

No futsal feminino brasileiro, a precariedade salarial continua sendo apontada como barreira central ao reconhecimento e à continuidade das jogadoras no esporte (Costa et al., 2024). O resultado do presente estudo reforça a necessidade de discutir a existência de uma segurança econômica mínima que permita às atletas projetar sua permanência no futsal, investir em formação, recuperar-se adequadamente e construir uma carreira menos vulnerável. O teste de qui-quadrado também revelou associações significativas entre a percepção de suporte organizacional (EPSO) e a realização profissional das atletas. Maiores escores de EPSO associaram-se à percepção de uso dos talentos/habilidades, ao sentimento de valorização no trabalho e à realização profissional (p<0,01), indicando que ambientes organizacionais mais estruturados favorecem experiências profissionais mais positivas. Também foram observadas associações entre condições adequadas de treinamento, condicionamento físico, qualidade de uniformes e bolas, competência da comissão técnica com a maior percepção de uso dos talentos e realização profissional (p<0,01). Além disso, protocolos de tratamento de lesões, disponibilidade de fisioterapia e suporte nutricional associaram-se ao uso dos talentos e ao alinhamento da carreira aos objetivos de longo prazo (p<0,01), reforçando a importância do cuidado institucional com a saúde e o desenvolvimento das atletas.

Na literatura, o suporte organizacional percebido refere-se à crença de que a instituição valoriza as contribuições do trabalhador e se preocupa com seu bem-estar (Siqueira, 1995; Siqueira e Gomide, 2008). No contexto do futsal feminino brasileiro, entretanto, esse suporte não se limita a relações interpessoais ou à satisfação com treinadores e dirigentes. Também envolve dimensões da profissionalização, como estabilidade contratual, planejamento de carreira, acesso a equipe técnica qualificada, suporte psicológico e nutricional, transparência na gestão, segurança nos deslocamentos, qualidade das instalações e respeito às demandas educacionais e familiares das atletas.

Nesse sentido, instalações adequadas, materiais de treino, uniformes de qualidade, espaços físicos apropriados e transporte confortável não devem ser tratados apenas como condições básicas da prática esportiva. Para atletas de modalidades femininas historicamente desvalorizadas, esses elementos funcionam como indicadores de dignidade laboral e de reconhecimento institucional. A precariedade desses recursos pode limitar a qualidade do treinamento, aumentar riscos de lesão, dificultar a recuperação física, comprometer o descanso e reforçar a percepção de que a modalidade transita entre o amadorismo e o profissionalismo. Assim, quando tais condições se associam à maior percepção de valorização, uso de talentos e realização profissional, o achado revela que a profissionalização da carreira depende não apenas da remuneração direta, mas também dos serviços de saúde disponíveis, infraestrutura material e logística necessários no cotidiano das atletas. A qualidade dos equipamentos, o acesso aos serviços de saúde especializados e o suporte médico e nutricional não impactam, apenas, o condicionamento físico, mas, também, promovem o bem-estar integral das atletas e a construção de um projeto de carreira sólido.

Identificou-se associação significativa entre o conforto no transporte e viagens e a percepção de que o trabalho favorece o uso dos talentos, o sentimento de valorização no trabalho e de realização profissional (p<0,01). Em modalidades femininas, a logística de deslocamento frequentemente aparece como dimensão secundária, embora esteja relacionada ao descanso, à recuperação, à exposição aos riscos e à percepção

de valorização institucional. O transporte é uma das dimensões mais precarizadas nas modalidades femininas, muitas vezes improvisado, inseguro ou incompatível com rotinas de descanso, visto que a maioria das atletas do futebol ainda viaja em classe econômica (FIFPRO, 2025). A literatura internacional sobre futebol feminino tem apontado que as condições de viagem, descanso e recuperação permanecem como dimensões desiguais e menos consolidadas em relação ao futebol masculino, interferindo na saúde, no desempenho e na sustentabilidade da carreira esportiva das atletas (FIFPRO, 2023, 2025). Isto pode ser observado na prática no episódio que ocorreu com FC Barcelona em 2018, quando a equipe masculina viajou em classe executiva enquanto a feminina ficou na classe econômica no mesmo voo, mostrando como a logística pode expressar hierarquias simbólicas de gênero dentro de uma mesma instituição esportiva.

Os achados do presente estudo indicam que a ampliação do suporte às atletas de futsal da Liga Feminina de Futsal deve envolver parâmetros mínimos de profissionalização entre clubes e regiões, incluindo contratos mais estáveis, critérios transparentes de remuneração, garantia de condições adequadas de treino e competição, protocolos de transporte e descanso, acesso regular a suporte psicológico, nutricional e fisioterapêutico, além de políticas de dupla carreira que articulem esporte, estudo e trabalho. Essas medidas se alinham ao debate internacional sobre profissionalização do esporte feminino, que tem enfatizado a necessidade de padrões mínimos de trabalho, proteção à saúde, direitos relacionados à maternidade e condições institucionais para permanência das mulheres no esporte.

CONCLUSÃO

O estudo evidenciou que a trajetória de carreira de atletas de futsal feminino no Brasil ainda é marcada por baixos salários, desigualdades estruturais e limitações no suporte organizacional, apesar da presença de incentivos educacionais e de avanços recentes na modalidade. Esses achados indicam que a consolidação do futsal feminino como campo profissional depende do fortalecimento de condições institucionais que garantam estabilidade laboral, acesso a suporte multidisciplinar e reconhecimento da atleta como trabalhadora do esporte. Nesse sentido, estratégias voltadas à qualificação das condições de trabalho, à ampliação do suporte psicológico, nutricional e de saúde, bem como à formalização de vínculos e valorização financeira, mostram-se centrais para a sustentabilidade das trajetórias esportivas. Como limitação, destaca-se a natureza transversal do estudo, que restringe inferências causais, embora a abrangência censitária represente um diferencial metodológico relevante. Assim, recomenda-se o desenvolvimento de investigações longitudinais e comparativas que aprofundem a compreensão das dinâmicas de permanência, transição e abandono na carreira esportiva de mulheres.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os dados da pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Adriana Aparecida Costa: Conceituação. Análise formal. Investigação. Metodologia. Escrita - rascunho original. Escrita - revisão e edição.

Natalia Veronez da Cunha: Conceituação. Análise formal. Investigação. Metodologia. Supervisão. Escrita - revisão e edição.

Lilia Aparecida Kanan: Metodologia. Escrita - revisão e edição.

Ana Emilia Siegloch: Conceituação. Curadoria de dados. Análise formal. Investigação. Metodologia. Supervisão. Escrita - rascunho original. Escrita - revisão e edição.

REFERÊNCIAS

Baptista MN. Desenvolvimento do inventário de percepção de suporte familiar (IPSF): estudos psicométricos preliminares. Psico-USF. 2005;10(1):11-9. https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000100003.

Baptista MN. Inventário de Percepção de Suporte Familiar (IPSF): estudo componencial em duas configurações. Psicologia. 2007;27(3):496-509. https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000300010.

Baptista MN, Alves GAS, Santos TMM. Suporte familiar, autoeficácia e lócus de controle: evidências de validade entre os construtos. Psicologia. 2008;28(2):260-71. https://doi.org/10.1590/S1414-98932008000200004.

Barreira J, Silva JEP Jr, Souza CP. Research on women's futsal: a scoping review. Sci Med Footb. 2024;8(4):405-17. https://doi.org/10.1080/24733938.2024.2310503. PMid:38314677.

Barreira J, Gonçalves MCR, Medeiros DCC, Galatti LR. Produção acadêmica em futebol e futsal feminino: estado da arte dos artigos científicos nacionais na área da educação física. Movimento. 2018;24(2):607. https://doi.org/10.22456/1982-8918.80030.

Batalha TB, Gottardo FM, Conde SR, Alves MK. Estado nutricional e perfil alimentar de uma equipe escolar de futsal feminino no município de Caxias do Sul-RS. Rev Bras Nutr Esportiva. 2019;13(79):378-83.

Brasil. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Brasília; Diário Oficial da União; 7 abr. 2016.

Cirino G, Rabelo IS. Tempo de ressignificar a vida: transição de carreira de mulheres atletas. In: Rubio K, editor. Mulheres e esporte no Brasil. Campinas: Editora Lopes; 2021. p. 29-50.

Cordeiro JEA, Ferreira ACC, Tomaz BA, Santos F. Futsal, inclusão social e práticas educativas: programa de extensão. In: Anais do V CONEDU; 2018; Campina Grande. Anais. Campina Grande: Realize Editora; 2018.

Costa MM. Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade: o caso do vôlei de praia. Soc Estado. 2007;22(1):35-69. https://doi.org/10.1590/S0102-69922007000100003.

Costa AA, Siegloch AE, da Cunha NV. Fatores que influenciam a carreira de atletas de alto rendimento no futsal feminino brasileiro: revisão integrativa. Lect Educ Fis Deportes. 2024;29(319):173-89. https://doi.org/10.46642/efd.v29i319.7783.

Cosvoski T, Antunes MD, Oliveira DV, Freire GLM, Nascimento Júnior JRA, Acencio FR. Síndrome de burnout em atletas de futsal feminino universitárias: um estudo comparativo. Pensar Prát. 2019;22. https://doi.org/10.5216/rpp.v22.55236.

CONMEBOL: Confederación Sudamericana de Fútbol. Copa América Futsal Femenina [Internet]. 2025 [citado em 2026 Abr 28]. Disponível em: https://copaamerica.com/en/copa-america-futsal-femenina-2025

Fetter JC. Atletas olímpicas brasileiras e a maternidade: do mito à realidade. Olimpianos J Olympic Stud. 2020;4:137-53. https://doi.org/10.30937/2526-6314.v4.id101.

FIFPRO. Women's World Cup player survey highlights issues in areas including preparation, recovery and compensation [Internet]. Hoofddorp: FIFPRO; 2023 [citado em 2026 Abr 28]. Disponível em: https://www.fifpro.org/articles/2023/11/women-s-world-cup-player-survey-highlights-issues-in-areas-including-preparation-recovery-and-compensation

FIFPRO. Latest FIFPRO player survey highlights growth in some confederations – but players feel current gaps still need addressed [Internet]. Hoofddorp: FIFPRO; 2025 [citado em 2026 Abr 28]. Disponível em: https://www.fifpro.org/en/articles/2025/12/new-women-s-football-national-team-player-survey-highlights-advancements-across-confederations-but-players-feel-gaps-need-addressing

FIFA. Quantas vezes o Brasil foi campeão mundial de futsal [Internet]. 2024 [citado em 2026 Maio 7]. Disponível em: https://www.fifa.com/pt/tournaments/mens/futsalworldcup/uzbekistan-2024/articles/futsal-brasil-quantas-vezes-campeao-quando.

FIFA. Copa do Mundo Feminina de Futsal [Internet]. 2025 [citado em 2025 Ago 27]. Disponível em: https://www.fifa.com/pt/tournaments/womens/futsalwomensworldcup/philippines-2025/articles/copa-mundo-feminina-futsal-fifa-2025

Freire GLM, Torres VMF, Oliveira DV, Nascimento JRA Jr. Comparação da qualidade de vida entre atletas e paratletas brasileiros de alto rendimento. Rev Bras Ciênc Mov. 2019;27(3):52-8. https://doi.org/10.31501/rbcm.v27i3.9953.

Gayardo A, Matana SB, Silva MR. Prevalência de lesões em atletas do futsal feminino brasileiro: um estudo retrospectivo. Rev Bras Med Esporte. 2012;18(3):186-9. https://doi.org/10.1590/S1517-86922012000300010.

Goellner SV. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Rev Bras Educ Fis Esporte [Internet]. 2005 [citado em 2026 Abr 28];19(2):143-51. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/download/16590/18303

Krahenbühl T, Alencar AL. Mulheres nos cargos de liderança no esporte: uma revisão da literatura. Pensar Prát. 2023;26. https://doi.org/10.5216/rpp.v26.75925.

LNF: Liga Nacional de Futsal. Com apoio da CBF, clubes anunciam criação da Liga Feminina de Futsal [Internet]. 2025 [citado em 2025 Ago 27]. Disponível em: https://lnfoficial.com.br/noticias/com-apoio-da-cbf-clubes-anunciam-criacao-da-liga-feminina-de-futsal/

Losado F, Ceni GC. Avaliação nutricional de atletas de futsal do Norte do RS, com e sem histórico de orientação nutricional. Rev Bras Nutr Esportiva. 2016;10(57):296-305.

Martins MZ, Medeiros DCC, Reis HHB, Moreno Castellani R, Carlos de Santana W. Futsal feminino: indicadores do ambiente de formação de atletas da seleção brasileira. Motrivivência. 2021a;33(64). https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e81073.

Martins MZ, Silva BS, Souza ACF. Dual career and social mobility in the Brazilian futsal: differences between men and women. J Phys Educ. 2021b;32:e3249. https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v32i1.3249.

<jrn>Martins MZ, Delarmelina GB, Souza LC. Mapeando as margens do futebol de mulheres no Brasil: um olhar interseccional sobre as experiências e as barreiras para a prática desse esporte. Rev Bras Ciênc Esporte. 2024;46:e20240061. https://doi.org/10.1590/rbce.46.e20240061.

Mascarin RB, Oliveira FVC, Marques RFR. Feminilidade e preconceito de gênero no futsal: uma perspectiva de atletas brasileiras. Fluxos & Riscos: Rev Estud Soc [Internet]. 2017 [citado em 2025 Ago 27];2(2):83-96. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/fluxoseriscos/article/view/5742

Mascarin RB, Vicentini L, Marques RFR. Brazilian women elite futsal players' career development: diversified experiences and late sport specialization. Motriz. 2019;25(2):e101968. https://doi.org/10.1590/s1980-6574201900010014.

Siqueira MMM. Antecedentes do comportamento de cidadania organizacional: a análise de um modelo pós-cognitivo [tese]. Brasília: Universidade de Brasília; 1995.

Siqueira MMM, Gomide S Jr. Suporte no trabalho. In: Siqueira MMM, organizador. Medidas do comportamento organizacional. Porto Alegre: Artmed; 2008. p. 283-294.

Souza ACF, Martins MZ. O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil: entre o esporte e outra carreira. Pensar Prát. 2018;21(1):26-39. https://doi.org/10.5216/rpp.v21i1.45075.

Stambulova NB, Ryba TV, Henriksen K. Career development and transitions of athletes: the International Society of Sport Psychology Position Stand Revisited. Int J Sport Exerc

Psychol. 2021;19(4):524-50. https://doi.org/10.1080/1612197X.2020.1737836.

Stambulova NB, Wylleman P. Psychology of athletes' dual careers: a state-of-the-art critical review of the European discourse. Psychol Sport Exerc. 2019;42:74-88. https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2018.11.013.

Tamashiro L, Marques RFR, Oliveira FVC, Palma BP, Galatti LR. Women's futsal at a Brazilian university: does the academic social environment influence prejudices against the players? Motriz. 2022;28(1):e10220003921. https://doi.org/10.1590/s1980-657420220003921.

UEFA: Union of European Football Associations. UEFA Women's Futsal EURO history [Internet]. 2019 [citado em 2026 Abr 28]. Disponível em: https://www.uefa.com/womensfutsaleuro/history/